

Educação musical em projetos sociais: reflexões a partir de uma experiência na ONG Ilha de Música

Comunicação

José da Silva Fontes
PPGMus/UFRN
zefontesjr@hotmail.com

Resumo: Nesta comunicação, apresento resultados de um estudo realizado na Ilha de Música. Trata-se de uma Organização Não Governamental, situada no bairro da Redinha na zona Norte de Natal, Brasil. O estudo, que se configurou como um trabalho de conclusão de curso de especialização, buscou compreender de que modo o ensino de música tem se estabelecido na referida ONG e de que forma tem impactado a vida das pessoas que integram esse contexto. Para tal propósito, optei por uma abordagem qualitativa de pesquisa, contemplando, como técnica de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas, as quais foram realizadas com quatro profissionais que integram a equipe do projeto. A revisão bibliográfica, juntamente com alguns itens extraídos do Estatuto da ONG, serviu de suporte para o desenvolvimento de reflexões condutoras do processo investigativo. Como resultados, identifiquei uma sintonia entre os profissionais entrevistados e a proposta de trabalho vigente. O que se traduz, a partir deste estudo, é que a Ilha de Música busca prioritariamente acolher crianças e jovens em situação de risco, e assim, através da educação musical proporcionar-lhes, satisfação, socialização, conhecimentos técnicos e teóricos em música, e aquisição de valores éticos. É perceptível, ainda, a necessidade de um aprofundamento sobre fenômeno em questão, tanto dos processos educativos, como para compreender o processo de transformação na vida desses alunos. Assim, essa experiência configurou-se como um ponto de partida para uma pesquisa mais ampla, a ser realizada em nível de mestrado.

Palavras chave: Educação musical. Ação social. ONG.

Introdução

O ensino da música em projetos sociais tem sido uma temática recorrentemente abordada no âmbito da educação musical, evidenciando as múltiplas possibilidades de formação humana, cidadã e ética, possibilitada pela educação musical. Na literatura da área, podem ser encontrados estudos que abarcam esta temática e que evidenciam o potencial da educação musical nestes contextos (CRUVINEL, 2005; KLEBER, 2006; 2011; KATER, 2004, HIKIGI, 2006). Nesta comunicação, que integra essa perspectiva, apresento resultados de um estudo realizado na Organização Não Governamental Ilha de Música. O estudo, que se configurou

como um trabalho de conclusão de curso de especialização, buscou compreender de que modo o ensino de música tem se estabelecido na referida ONG e de que forma tem impactado a vida das pessoas que integram esse contexto. Para tal propósito, optei por uma abordagem qualitativa de pesquisa, contemplando, como técnica de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas, as quais foram realizadas com quatro profissionais que integram a equipe do projeto. A revisão bibliográfica, juntamente com alguns itens extraídos do Estatuto da ONG, serviram de suporte para o desenvolvimento de reflexões condutoras do processo investigativo.

A ONG Ilha de Música está situada no bairro da Redinha, na zona Norte do município de Natal, RN, Brasil. A Zona Norte é conhecida por possuir uma comunidade de menor poder aquisitivo da capital potiguar. O local em que a ONG se situa é um dos mais carentes e violentos da Zona Norte. A ONG foi fundada em 2006 por um casal de voluntários com o objetivo de contribuir com a melhora da qualidade de vida dos moradores. Portanto, em 2016, a ONG Ilha de Música completou 10 anos de existência, tendo atingido em torno de 700 crianças e adolescentes. O projeto acolhe crianças a partir de 8 anos de idade, quando podem ser introduzidas na musicalização infantil, podendo também ter aulas do instrumento de sua preferência. Desde sua entrada, a criança é estimulada a experimentar os instrumentos musicais. Instrumentos de percussão, flauta doce, o canto popular, violão, guitarra, baixo elétrico, bateria, piano, trompete e trombone são as opções oferecidas. É permitindo participar da Ilha de Música, qualquer criança ou adolescente que esteja matriculado na rede pública de ensino, podendo permanecer no ONG até completarem 18 anos de idade. No ano de 2016, em meados da minha especialização em educação musical na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fui convidado para atuar como professor de musicalização infantil na Ilha de Música. No decorrer desta experiência, diversas reflexões me levaram a buscar a temática na literatura científica e, conseqüentemente, elaborar um projeto que culminou em minha pesquisa de especialização.

A partir da literatura sobre ensino de música em projetos sociais, ou que dão suporte para compreendê-los, pude perceber tais iniciativas como empreendimentos que decorrem de uma atitude cidadã, principalmente pelo aspecto humano e educativo que esse tipo de ação promove. Nesse sentido, Rodriguez (2001) reforça o caráter de comprometimento de tais

iniciativas, haja vista que a cidadania “ganha legitimidade na ação educativa”. A partir das concepções de Swanwick (2004) é possível, então, perceber o potencial da educação musical na realização dos propósitos de iniciativas da sociedade civil, uma vez que como “formas de estudos culturais”, contempla “múltiplos sotaques” e promove a autonomia e a criatividade. Kleber (2011) também evidencia o potencial da música a partir de sua “ação condutora nos processos de ensino e aprendizagem” em projetos sociais. A mesma autora aborda as “práticas complementares” na rotina das ONGs (alimentação, cuidados com a higiene, acompanhamento psicológico, etc.) como práticas construtivas do sentimento de pertencimento, que tendem a ser despertado nas crianças que os frequentam (KLEBER, 2006).

Metodologia

A fim de compreender mais profundamente o contexto da ONG, optei por uma abordagem qualitativa de pesquisa, contemplando, como técnica de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas com colegas atuantes no projeto. Ademais, realizei uma revisão bibliográfica sobre a temática, bem como examinei itens do Estatuto da ONG, a fim de fundamentar minhas análises e dar suporte para o desenvolvimento de minhas reflexões. Nas entrevistas, foram contemplados quatro profissionais, de um grupo de oito pessoas que integram a equipe da ONG, os quais permitiram que fossem revelados seus nomes: a coordenadora Inês Latorraca, a psicóloga Liane Medeiros, o professor de baixo elétrico e violão Erick Firmino e o monitor de violão e guitarra Erinaldo da Silva (que, inclusive é ex-aluno do projeto). O critério da escolha desses profissionais participantes das entrevistas justifica-se pela disponibilidade de tempo apresentada por todos os profissionais da ONG durante o período da coleta de dados. Neste sentido, busquei depoimentos de um dos fundadores do projeto, para entender, entre outros fatores, a intenção da iniciativa criadora da ONG e o seu principal objetivo de trabalho; de um professor que pudesse contribuir evidenciando aspectos da concepção de ensino musical da ONG; da psicóloga com a principal intenção de extrair características do perfil desses alunos; e, de um ex-aluno que revelasse quais transformações a Ilha de Música teria causado em sua vida.

Resultados

Através de entrevistas semiestruturadas, pude identificar de modo mais acurado o perfil da ONG, seu propósito educacional, o perfil dos alunos, e de que forma tem ocorrido o ensino de música nessa instituição. As entrevistas semiestruturadas aconteceram na própria sede da Ilha de Música entre os meses de junho e julho de 2016. Através das observações, pude, também, perceber que a Ilha de Música utiliza a música como propósito de inclusão social. A formatação dos cursos de instrumento e o seu funcionamento, aproxima-se em alguns pontos, de uma escola especializada em música. Os alunos que se destacam nas aulas de instrumentos, são levados a participar da banda da Ilha de Música, e passam a ensaiar com o grupo principal, sob a regência do músico Gilberto Cabral, para apresentações em eventos na cidade, ou em festividades na própria sede da Ilha de Música. Entretanto, entendo que para se dimensionar com mais clareza o ensino/aprendizagem que lá se desenvolve, é relevante também atentar para as diferenças em relação ao ensino especializado. Neste sentido, é importante ressaltar algumas normas da ONG. Para se permanecer como aluno da Ilha de Música, o rendimento em um determinado instrumento, ou o desenvolvimento de habilidades musicais não são condições *sine qua non*, visto que o seu propósito é a inclusão social, e a contemplação de valores éticos. Enquanto em uma escola especializada de música o aluno é avaliado pelo seu rendimento, a atenção e os esforços estão voltados à formação do ser humano. A partir dessas observações, apresento, a seguir, análises das entrevistas, as quais fundamentaram minhas percepções.

Entrevista realizada com a coordenadora Inês Latorraca

Mesmo sabendo do reconhecimento social que o seu feito representa para a comunidade, Inês acredita estar apenas “cumprindo seu papel de cidadã”. Sua necessidade em dividir com a comunidade o que ela afirma ser “os benefícios que a música proporciona”, nos remete a Rodrigues (2001, p. 238), em que o autor argumenta sobre democracia como forma de organização social em que “os cidadãos, munidos dos instrumentos da cidadania, tornam-se

construtores de formas organizativas e de ação na vida pública”. Segundo Inês, ao observarem as crianças e adolescentes da comunidade com tempo ocioso no contra turno do período escolar, perceberam que lhes faltavam “algo bom, produtivo, que os ajudassem de forma agradável e alegre”. Foi a partir desse pressuposto que Inês e seu companheiro, o músico, professor e compositor Gilberto Cabral, decidiram oferecer o ensino de música para crianças e adolescentes da comunidade da África. Segundo seu relato, estavam impulsionados em oferecer algo construtivo para a formação daquelas crianças e adolescente da comunidade – e, descrevendo em suas próprias palavras, por acreditarem na música “primeiro como um processo importante na formação humana e futuramente até podendo ser encarada como uma profissão” (LATORRACA, 2016).

Este fragmento elucida um pouco sobre a concepção do trabalho educacional que a Ilha de Música se compromete em realizar. Nas palavras de Inês:

[...] não tem como objetivo principal formar músicos, mas sim, dar oportunidade a essas crianças e adolescentes conhecerem a música, conhecerem um pouco da sua cultura regional, nacional, terem a oportunidade desse contato com os instrumentos, e terem a oportunidade também de ficar num espaço que pra eles é prazeroso...e é construtivo sem dúvida na formação deles (LATORRACA, 2016).

O argumento da coordenadora revela coerência com o Capítulo II do Estatuto da Ilha de Música, o qual evidencia ser um objetivo da ONG: “Desenvolver ações que levem às crianças e adolescentes ao convívio com a música, dando-lhes oportunidade de conhecer o universo musical de forma lúdica, num convívio social saudável” (Capítulo II, Art. 4 a). Percebe-se também, em sua fala, alguns pontos convergentes com Swanwick (2004), em que o autor, procurando mostrar a diversidade das linguagens musicais, argumenta sobre o compromisso de uma Educação Musical que possibilite ao aluno uma visão ampla e criativa das culturas, ao afirmar que:

A concepção de educação musical como uma forma de estudos culturais [...] torna-se não uma questão de simplesmente transmitir a cultura, mas algo como um comprometimento com as tradições em um caminho vivo e criativo, em uma rede de conversações que possui muitos sotaques diferentes (SWANWICK 2004, p. 45-46).

Sobre a formação das crianças ela afirma que a ONG contribui positivamente com a parte afetiva, suprimindo parte de suas carências. Com o que diz respeito à sociabilidade, ela destaca a importância do convívio entre eles, e o cumprimento das regras nas relações. Através dessas regras de convívio, Inês acredita que a Ilha de Música contribui para a formação de valores, como o respeito ao próximo e a solidariedade. Em mais um recorte da entrevista, a coordenadora esclarece que:

Quando você toca em grupo, você tem que escutar o outro, você não pode passar por cima do seu amigo, você tem que ajuda-lo porque o grupo só vai tocar bem se o seu amigo tocar bem. Esse companheirismo e essa solidariedade é muito importante na vida de um modo geral (LATORRACA, 2016).

Ela deixa também transparecer em seu discurso, que uma “educação musical adequada”, por si só já é um instrumento para esses fins. Nesse sentido faço um paralelo entre sua fala e a concepção apresentada por Kleber (2011), ao abordar o significado da rede de sociabilidade musical em projetos sociais e sua relação com projetos pedagógico-musical:

[...] a *performance* musical é um condutor dos processos de ensino e de aprendizagem [...] Os rituais coletivos como as aulas, os ensaios, os jogos, as brincadeiras e os encontros informais mostram-se como momentos de síntese das relações e das vivências proporcionadas pela música” (KLEBER, 2011. p. 45-46).

Entrevista realizada com a psicóloga Liane Medeiros

A psicóloga Liane Medeiros, parceira da Ilha de Música desde os primeiros anos de existência, foi a segunda profissional entrevistada. Seus argumentos trouxeram aspectos norteadores nesta investigação, principalmente no que diz respeito ao poder de sociabilidade do projeto e ao perfil dos alunos que o frequentam. Como contribuições sociais, Liane destaca que “o próprio fato das crianças e jovens da Ilha terem aquele espaço de convivência, essencialmente já é um fator social muito importante”.

[...] inclusive a gente observa isso nos que vão saindo da Ilha, eles não conseguem sair na verdade, eles vivem lá [...] A Ilha enquanto uma ONG, tem um espaço de convivência super importante, em que os alunos antigos vira e mexe aparecem por lá...e... tira-os da rua, a questão social de poder tê-los em um lugar protegidos da violência da rua [...] (MEDEIROS, 2016).

Quando abordada sobre o perfil desses alunos, Liane descreve algumas características que lhe vieram à memória. “Muitos vão pra igreja, tocam na igreja, ou católica ou evangélica. Às vezes isso dificulta um pouco, pois lá eles escutam que não se deve tocar música do mundo”. Outra característica citada é a carência afetiva. “Todos são carentes de atenção, acho que esse é o perfil principal deles”. Retomando o enfoque nas questões sociais, a psicóloga relata sua postura junto com a direção da Ilha de Música, ao promoverem reuniões com os pais, ou quando se dirigem até as escolas regulares em que estes alunos frequentam. Assim ela entende que a Ilha cria laços e parcerias com pais e escola buscando soluções para problemas afetivos, comportamentais, cognitivos, ou de qualquer outra natureza. Outro exemplo de contribuição social se evidencia quando Liane afirma ter realizado dinâmicas de grupo com os alunos enfocando questões que trabalham a sexualidade, cidadania e ética. Essas ações expostas pela psicóloga vão ao encontro do que Kleber (2006) destaca sobre as atuações das ONGs, apontando como um “fato social total.” Em suas palavras a autora esclarece:

[...] é a constatação de práticas complementares presentes no cotidiano das ONGs, como a construção do sentido de pertencimento através da convivência prazerosa com os colegas e amigos, dos cuidados sociais que abrangeram desde questões básicas como higiene e alimentação até o acompanhamento psicológico envolvendo, inclusive, as famílias, através de programas específicos (KLEBER, 2006, p. 96).

O acolhimento ofertado aos alunos da Ilha de Música, relatado pela psicóloga Liane Medeiros, no meu ver, ajuda estabelecer este sentimento de pertencimento citado por Kleber (2006). Segundo a psicóloga as crianças recebem um tratamento diferenciado, individualizado, e, em muitos casos, recebem mais atenção em dias de aula de música do que os dias em que ficam em casa com seus familiares.

Entrevista com o professor Erick Firmino

O terceiro entrevistado foi o músico e professor Erick Firmino. Atua ensinando baixo elétrico na Ilha de Música desde o segundo semestre de 2013, e, a partir de 2016 passou a ministrar também aulas de violão. Em sua primeira intervenção, o professor relata que:

Eu acho que na Ilha, o ensino vai um pouco além do que só a transmissão ou intermediação do conhecimento. Como se trata de um projeto de cunho social

onde a gente atende crianças e adolescentes em situação de risco [...] eu acho que ultrapassa a esfera em que estamos acostumados a ver no ensino em escolas regulares e especializada (FIRMINO, 2016).

Nesta primeira fala, Erick reforça o que foi anteriormente mencionado pela coordenadora e pela psicóloga da ONG. Sobre sua metodologia, o professor Erick esclarece que apesar de ter suas referências e seguir um planejamento prévio, adota um método variável, pois no seu entendimento “cada aluno tem sua personalidade, tem seu tempo, para absorver o conhecimento [...] cada aluno apresenta a questão cognitiva e motora diferenciada”. O professor destaca que mesmo lecionando para grupos que variam entre dois ou três alunos, consegue realizar um atendimento personalizado. Quando abordado sobre suas dificuldades em realizar o trabalho, o professor responde elogiando a estrutura física e logística da ONG. De acordo com suas experiências, diferentemente das escolas públicas, em que “não se tem nem estrutura, nem perspectivas de melhoras”, na Ilha de Música sempre que se faz a requisição de um determinado material, este lhe é fornecido. O professor Erick conclui esta questão afirmando que:

A dificuldade é muito maior em lidar com o aluno do que propriamente estrutural. Por ser um bairro de classe baixa, de pouca aquisição financeira, de criança carente de atenção, carente de tudo, porque não é só a carência material que ela tem, ela tem carência de estrutura familiar, é muito difícil você tentar inculcar, ou mesmo mostrar alguns valores sociais quando a própria criança não tem aquilo dentro de casa (FIRMINO, 2016).

Neste depoimento em que um professor experiente e comprometido, expõe que sua principal dificuldade é lidar com aluno de família desestruturada, abre-se espaço para um questionamento. É possível a educação musical inculcar valores que a própria família não os tem? Creio ser uma tarefa difícil, porém prefiro acreditar que sim. Neste contexto considero pertinente uma reflexão sobre a formação profissional, no sentido de que possa oferecer ao músico e ao educador musical aportes que lhe habilitem detectar as necessidades sociais emergentes da contemporaneidade.

Kater (2004) destaca a inexistência de programas de formação de profissionais para atuarem nesses empreendimentos. Sugere que os programas de formação profissional forneçam abordagens “associadas em redes de conhecimentos de áreas afins” como sociologia,

pedagogia, psicologia, serviços gerais, etc., possibilitando ao próprio educador, o que o autor chama de “um enfoque humanizador da educação musical”, de acordo com isso afirma que:

Música e educação são, como sabemos, produtos da construção humana, de cuja conjugação pode resultar uma ferramenta original de formação, capaz de promover tanto processos de conhecimento quanto de autoconhecimento. [...] entre as funções da educação musical teríamos a de favorecer modalidades de compreensão e consciência de dimensões superiores de si e do mundo, de aspectos muitas vezes pouco acessíveis no cotidiano, estimulando uma visão mais autêntica e criativa da realidade (KATER, 2004, p. 44).

Entendo que pensar em funções da educação musical possibilita um mergulho mais profundo, em um mar de múltiplas possibilidades, tão diverso como é o mundo musical e seus variados contextos e significados. No entanto, a fala do autor toca especificamente em um ponto que considero essencial, que é pensar na música como “ferramenta original de formação”, para mim, seu argumento delega à música e ao educador musical um poder de transformação exclusivo, e fundamentalmente necessário em projetos de ação social.

Entrevista com Erinaldo da Silva, eis aluno e atual professor monitor de violão e guitarra

Erinaldo da Silva, ex-aluno da Ilha de Música, chegou na ONG em 2007 com 15 anos de idade, atualmente é professor monitor de violão e guitarra. Sua história de vida está diretamente ligada à história da Ilha de Música, pois compõe o quadro dos primeiros alunos no momento da criação da ONG. Já concluiu o curso Técnico em Música e atualmente cursa Licenciatura em Música na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Ao ser questionado sobre o ensino ofertado pela ONG, Erinaldo deixa o seguinte parecer:

O que eu percebo sobre esse assunto é que além da música, tem um outro papel de inserir jovens como cidadão de bem. [...] Mas pra mim o mais importante é que ajuda muito na formação do cidadão de bem, do futuro músico. Se caso quiser ser um músico né? (SILVA, 2016).

Ao relatar sobre as contribuições que a ONG trouxe para sua formação como músico, em seus argumentos Erinaldo reconhece a transformação que as experiências na Ilha lhe causaram.

[...] totalmente, muita coisa... a contribuição eu poderia dizer cem por cento, [...] Comecei a tocar, a conhecer tantos músicos, músicas, o universo da música começou aqui, foi tudo aqui. O que eu sei de música até hoje eu devo à Ilha (SILVA, 2016).

Erinaldo afirma que até 2007 o plano de sua vida era formar-se em engenharia civil, mas, ao entrar na Ilha este planejamento mudou. Lembra que a partir deste período começou a tocar em apresentações e a ministrar aulas. Em suas últimas falas esclarece que: “comecei a viver disso, e hoje eu vejo que não consigo fazer outra coisa a não ser música. Já terminei o Técnico, to fazendo Licenciatura, pra quê? Pra ser um professor, e foi através da Ilha que eu cheguei até aqui [...]”.

Considero que Erinaldo ao afirmar em suas falas que as experiências vividas proporcionaram um novo rumo em sua vida profissional, ao mesmo tempo revela que educação que lhe foi ofertada foi o elemento chave dessa transformação. O seu relato me remete a Queiroz (2004), no qual o autor aponta a música como “uma complexa fonte de significados, sendo parte intrínseca da experiência de cada sujeito”. Nesta mesma obra o autor concede à educação musical, a função de favorecer “caminhos para que a relação entre o homem e a música se efetive de forma significativa, contextualizada com os objetivos de cada indivíduo e com a sua realidade sociocultural” (QUEIROZ, 2004, p. 106). No meu entendimento é justamente esta função que parece ter se concretizado na relação entre a Ilha de Música e Erinaldo.

Considerações finais

A partir do exposto, considero existir uma sintonia entre os profissionais entrevistados e a proposta e propósito da ONG. O que se traduz, a partir deste estudo, é que a Ilha de Música busca prioritariamente acolher crianças e jovens em situação de risco, e, assim, através da educação musical proporcionar-lhes satisfação, socialização, conhecimentos técnicos e teóricos em música, além visar o fortalecimento de valores éticos. No decorrer desta investigação, percebi também que o trabalho educacional desenvolvido na Ilha de Música, como o próprio nome sustenta, tem a música como principal veículo e visa à inclusão social das crianças e adolescentes da comunidade. Além da parte técnica musical e dos benefícios que a educação musical promove, a instituição se compromete com o fortalecimento da confiança, da

autoestima, do respeito, da solidariedade, do trabalho em grupo, da cidadania, de um olhar sensível para a música, incluindo aspectos culturais inerentes à comunidade, ao município, a região e ao país.

O que concluo, através desta pesquisa, é a que a ONG tem se mostrando como um refúgio para uma comunidade carente e conflituosa. Trata-se de um espaço educacional de acolhimento, de propagação de valores humanitários e, claro, de música. É um espaço que, em seus dez anos de existência, tem vencido obstáculos e se mantido atuante em diversas frentes educativas e culturais da cidade de Natal. É perceptível que um único trabalho de pesquisa seja insuficiente para compreender a complexidade deste espaço. Portanto, há, ainda, a necessidade de um aprofundamento sobre fenômeno em questão, tanto no que diz respeito aos seus processos educativos, como para compreender o processo de transformação na vida desses alunos. Assim, essa experiência configurou-se como um ponto de partida para uma pesquisa mais ampla, a ser, por mim realizada, em nível de mestrado. Espero poder não apenas compreender mais a referida instituição, mas contribuir com a visibilidade de suas ações e, certamente, com o reconhecimento do trabalho que lá se realiza.

Referências

ESPERIDIÃO, Neide. Educação profissional: reflexões sobre o currículo e a prática pedagógica dos conservatórios. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 7, 69-74, set. 2002.

FIRMINO, Erick. Entrevista concedida em Natal-RN, em julho de 2016.

Ilha de Música-Projeto Social. Estatuto Social. Capítulo II. Natal, RN, 2008. Documento cedido pela coordenação da Ilha de Música. Não publicado.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, 43-51, mar. 2004.

KLEBER, Magali. Educação Musical: novas ou outras abordagens - novos ou outros protagonistas. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 14, 91-98 mar. 2006.

KLEBER, Magali. A rede de sociabilidade em projetos sociais e o processo pedagógico-musical. **Revista da ABEM**, Londrina, V. 19, 37-46 jul. dez. 2011.

LATORRACA, Inês. Entrevista concedida em Natal-RN, em junho de 2016.

MEDEIROS, Liane. Entrevista concedida em Natal-RN, em junho de 2016.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, 99-107, mar. 2004.

SILVA, Erinaldo da. Entrevista concedida em Natal-RN, em julho de 2016.

SWANWICK, Keith. **Ensinando musica musicalmente**. Tradução Alda Oliveira, Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2004.